



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. António dos Reis — Redacção: Rua Marcos de Portugal, 8 A. — Leiria. Administração: Santuário de Fátima, Cova da Iria. Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 158 — Lisboa.

A Peregrinação de Junho, 13

A peregrinação do dia 13 de Junho é uma das mais numerosas da época do ano correspondente à das aparições, à parte as de Maio e Outubro.

A do passado mês de Junho não constituiu excepção à regra.

Muitos grupos de romeiros de todos os pontos do país assistiram aos actos religiosos oficiais que no dia 13 de cada mês se efectuam na Cova da Iria em honra da Santíssima Virgem.

Um desses grupos formavam-no os alunos do Seminário Arquiepiscopal de Évora que eram acompanhados pelos seus superiores.

Dentre as muitas peregrinações sobressaía pelo seu número e pelo seu entusiasmo, a da Arquiconfraria de N.ª S.ª do Perpétuo Socorro dirigida pelos Rev.ªs Padres Redentoristas, e com sede em Guimarães, trazendo confrades não só daquela cidade como de Braga, Porto e outras povoações nortenhas.

Esta peregrinação trazia uma linda e rica bandeira de N.ª S.ª do Perpétuo Socorro que foi benzida no Mosteiro da Batalha pelo Senhor Bispo de Leiria.

Viam-se centenas de veículos

estacionando nos terrenos adjacentes ao recinto do Santuário, sobretudo automóveis e camionetas.

A hora do costume, realizou-se a procissão das velas que foi muito concorrida. Empanou-lhe, porém, em parte, o brilho o vento frio que soprava e a chuva miúdinha que por vezes caía.

Seguiram-se os turnos tradicionais de adoração ao Santíssimo Sacramento solenemente exposto que se sucederam sem interrupção até às seis horas da manhã.

Estes actos foram igualmente muito concorridos.

Durante o turno de adoração geral, nos intervalos das dezenas do terço do Rosário falou, sobre os mistérios gozosos, explicando-os e comentando-os, o rev. P.º Virgílio Stezo, religioso redentorista espanhol residente em Braga.

Foi também este sacerdote que, terminada a cerimónia da adoração nocturna com a bênção do Santíssimo Sacramento, celebrou

a Missa da comunhão geral. Aproximaram-se da sagrada mesa cerca de sete mil pessoas.

Foi ainda o mesmo eclesiástico que prêgou à Missa dos doentes versando numa breve alocução o tema «Salvé, Rainha, Mãe de misericórdia».

Celebrou esta Missa o rev. dr. José Galamba de Oliveira.

No fim da Missa, feita novamente a exposição solene do Santíssimo Sacramento, deu a bênção eucarística a cada um dos doentes e ao povo Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Dom José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria.

Pegou à umbela o sr. dr. Nunes Pereira, conservador do registo predial em Montemor-o-Novo.

Conduzido o Santíssimo para a igreja da Penitenciária, o ilustre Prelado deu a todos os fiéis a bênção episcopal, depois de ter pedido três Avé-Marias pelo sr. Comendador Peixoto da Fonseca, o grande benemérito patriota que, por motivo das festas comemorativas da Fundação e Restauração da nacionalidade, ofereceu cem contos ao venerando Episcopado para serem distribuídos pelas famílias pobres de todas as dioceses de Portugal.

Nas duas procissões com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima, a multidão saudou entusiasticamente a Rainha do Céu com o costumado agitar dos lenços.

Havia na multidão pessoas que tinham vindo a pé de terras distantes, entre elas uma mulher de Viana do Castelo.

Como de costume, encerrou o ciclo dos actos oficiais do dia comemorativos das aparições o canto do «Adeus» e a consagração dos fiéis a Nossa Senhora.

Visconde de Montelo

CRÓNICA FINANCEIRA

Não tenhamos ilusões: a guerra que só começou verdadeiramente a 10 do passado mês de Maio, está para durar muitos anos. A opinião inglesa de que a Grã-Bretanha se devia preparar para três anos de guerra, pode desde já dizer-se que não era exagerada. É claro que não é impossível que a guerra termine dentro de meses, por uma revolução em um ou outro dos países beligerantes. Uma revolução na Inglaterra ou na Alemanha seria o fim da guerra a breve prazo. Mas uma revolução em Inglaterra é impossível e na Alemanha é pouco provável. Uma revolução na França ou na Itália, não só é improvável também, mas mesmo que se realizasse, não faria terminar a guerra. A prudência diz-nos, portanto, que devemos contar com guerra longa e dura.

Ora uma guerra nos termos em que esta se apresenta, forçará os países neutrais, como Portugal, e os não beligerantes como a Espanha, a viverem quasi exclusivamente dos seus próprios recursos. Quere dizer, a viver dos produtos do seu próprio solo, e daqueles que podem trazer das províncias ultramarinas e dum ou outro país estrangeiro, nos seus próprios navios mercantes.

Se atendermos, porém, a que a nossa frota mercante é pequena, podemos concluir que nos veremos forçados muito em breve, a viver quasi exclusivamente dos produtos da nossa terra. Permutas permanentes e certas, só as poderemos fazer com a nossa vizinha Espanha que nos pode fornecer carvão, ferro, e outras matérias primas, em troca de produtos agrícolas, sobretudo gado e de certos géneros coloniais.

A perspectiva do futuro, que é terrível para a Europa em geral, não pode ser risonha para nós que estamos a dois passos da fogueira. Contudo, é ainda Portugal quem está hoje em melhores condições de vida material e de sossêgo. Mas para que esse desafogo se não transforme em miséria, é preciso que cada um de nós, na sua vida particular, faça o máximo de economias em tudo, principalmente nos géneros alimentícios. A par deste esforço no sentido de economias, é preciso fazer outro no sentido de produção, sobretudo de produção agrícola.

A criação de animais, tanto de gado gáudo como do miúdo, é da maior importância nesta ocasião para a economia do país e será muito lucrativa para quem a fizer. As nossas permutas com a Espanha têm de aumentar progressivamente, e a Espanha é um sorvedouro de animais, sobretudo de aves. Pelo caminho que estão tomando as coisas da guerra, as frotas mercantes europeias (hoje quasi todas debaixo do domínio dos aliados ou no fundo do mar) e a frota norte-americana, serão absorvidas na sua totalidade com os serviços dos exércitos aliados. As permutas

pelos fronteiras terrestres intensificar-se-ão ao máximo. A Espanha venderá à França, Portugal venderá à Espanha. A procura e consumo de carne será cada vez maior no país e na Espanha. É possível que a pesca do bacalhau se torne impraticável, com o desenvolvimento das hostilidades, e o que é certo é que estamos desde já impossibilitados de o importar da Noruega e talvez até de qualquer outro país. O bacalhau tenderá, portanto, a subir de preço e o consumo da carne subirá também. É preciso fazer economias e aumentar a produção, principalmente a criação de gado tanto miúdo como gáudo.

Pacheco de Amorim



Peregrinação da Arquiconfraria de N.ª Sr.ª do Perpétuo Socorro estreado a nova bandeira benzida no Mosteiro da Batalha.

40 mil Missas pelos Cruzados de Fátima

É preciso que sejam chamados a participar nesta imensa riqueza espiritual todos os portugueses devotos da Virgem Mãe

40 mil missas pelos Cruzados de Fátima!

Dar uma associação tão preciosas regalias aos seus membros e sermos apenas meio milhão de associados... não pode ser!

Não temos o direito de querer só para nós tão altos privilégios.

É preciso que uma tão colossal torrente de graças celestes leve a sua impetuosidade a todos os recantos do País, inundando tudo e arrastando todos, desde o Minho até ao Algarve, desde a fronteira até ao mar.

É preciso levar, sem demora, os benefícios espirituais de tão importante associação a todos os nossos irmãos pelo sangue e pela Fé.

É preciso que sejam chamados a participar nesta imensa riqueza espiritual todos os Portugueses devotos da Virgem Mãe.

Vamos, por isso, a uma nova campanha em favor dos Cruzados de Fátima. Na primeira inscreveram-se meio milhão de associados. Nesta segunda temos de atingir o milhão. Para isso o que é necessário? — Simplesmente que haja quem trabalhe com zelo e boa vontade.

Homens e mulheres, rapazes e raparigas da Acção Católica, não podeis ficar indiferentes perante o novo movimento de propaganda que vai iniciar-se.

Chegou a hora em que já não basta ser-se Cruzado de Fátima. É preciso ser-se chefe de trezenas, de muitas trezenas.

Por amor da Virgem Santíssima, Mãe de Deus e nossa Mãe, mãos à obra!

AS PRAGAS E O MÊDO

pelo Dr. LUIS PORTELA

Mal o velho Rosa fechara ôlho, logo os filhos, dois latagões já casados e malavindos se deitaram à buíha, por amor da herança.

Bem os aconselhara o pai, já com a morte no papo, a que fossem recetos e amigos um do outro como êle o fôra de seus irmãos; e que do lugar onde estivesse amaldiçoaria aquêle que puxasse a mão da justiça para partilha.

Êle nunca quizera partes com essa lôba faminta e que lhe não fizessem estremeer os ossos debaixo da terra.

E porque sempre os conheceu em contendas af lhes deixava indicado o que cabia a cada um. Os filhos prometeram respeitar a vontade do moribundo mas de ôlho vesgo e mau um para o outro. Não tardaram porém a engalinharem-se como duas feras porque a sogra do mais velho a tia Bagocha que tinha fama de bruxa e uma língua mais suja que um trapo o não deixava. Todos no lugar tinham medo das pragas de lá.

A velha Bagocha não se podia conformar com ver que a casa tivesse calhado ao outro e que a filha não tivesse como os sardões um buraco para se meter.

E então uma casinha como aquêla, feita de raiz naquele verão era um encanto. Fizera-a aquêle sen-deiro pelado do Rosa já com os pés para a cova, para dar ao filho mais novo porque sempre gostava mais dêle. E no outro deixava-lhe apenas uns torrões secos que nem tedeças criava. Pois tantos pinotes desse êle no inferno como de areias cobrem as praias.

E o filho há-de medrar muito, não haja dúbida... com o que é dos outros... O cão tihoso o morda noté e dia, a sarna o cubra e que des-canse tanto como as águas do mar».

Era raro o dia em que a Bagocha não viesse estender o praguedo à porta do herdeiro da casa. Êle e a mulher fugiam de a ver por causa da côca maligna dos seus olhos e andavam tranzidos de mêdo. Já as vizinhas os tinham aconselhado a que se mexessem de contrário que não lhes tardaria a macacoa no gado e o fango-mango a derreter-lhe os milheirais e as vinhas. Tudo isso êle pensava também e o trazia preocupado.

Tinha a convicção de que alguma grande desgraça lhe vinha pelo caminho e andava enfiado e pensativo...

Tinha meado dezembro com um frio tão intenso como não havia na memória dos vivos. Os dois passavam a noite ao borralho porque a roupa na cama era pouca e a lenha-sita ia chegando.

Certa noite, a horas mortas, começaram a ouvir umas pancadas. O Rosa mais novo perguntou quem estava. Ninguém respondeu e os cabelos arripiaram-se-lhe. Mais tarde novas pancadas. Encheu-se de coragem e veio ver. Ouviu os galos que salvavam a madrugada ainda distante, iludidos pelo luar, mas nem passos nem gente. Noutras noites era o telhado que rangia parecendo cair pela chaminé abaixo, as próprias paredes que estremeciam.

As vizinhas tornavam outra vez: Ah Glória mexe-te! São as pragas da maldita Bagocha, não há que ver.

pragas da maldita Bagocha, não há que ver.

Veio a benzelheira nove dias certosinhos.

Ao fim da novena porém, o demo, ou lá o que era, continuava às soltas.

Só depois disto o Rosa se convenceu de que era o irmão que o queria forçar a abandonar a casa pelo mêdo. Comprou então uma espingarda com a raiva ferroz de o mandar para a outra vida se êle tornasse a incomodá-lo. Passava as noites de atalaia mas nunca disparou um tiro por não saber para onde nem para quê.

Um dia pegou na trouxa e na mulher e foi a uma cidade distante consultar uma bruxa afamada. Contou-lhe tôda a sua vida e a mulher no fim *adivinhou* tudo: eram as pragas da sogra do irmão que traziam o pai a penar e a êle o não deixavam, ter descanso. Mas tudo iria acabar se êles tomassem a droga que ela lhes ia recetar, se queimassem à noite na lareira os pés que ela lhes dava, e se; para libertar a alma do pai, dessem três voltas à igreja da freguesia, à hora da missa, com uma cabra onde êle estava incarnado, e que fosse deitando ao mesmo tempo uma dúzia de foguetes.

Tudo fez menos as voltas com a cabra por tener a mofa dos outros.

O maldito rumor, porém, continuava.

Um dia, quando já estava para abandonar a casa ou afogar-se, contou a um amigo a sua triste sorte e o amigo que tinha sido o carpinteiro da casa: *tá as gargalhadas.*

Oh homem, esses estalos são da madeira. Bem sabes que o eucalipto, de que é feito o vigamento, é como as mulas que escolhem até ser velhas.

Efectivamente foram dar com as madeiras tôdas retoreidas e o Rosa ficou então convencido de que *não há maleficio na terra que nos atinja se Deus o não consente.*

40 mil Missas

pelos Cruzados de Fátima

Até ao presente, celebraram-se nas diversas Dioceses do País e no Santuário de Fátima, mais de 40 mil missas pelas intenções dos Cruzados. Eis o que nos dizem as estatísticas oficiais:

Algarve	309
Angra	2.081
Aveiro	51
Beja	264
Braga	12.532
Bragança	605
Coimbra	1.009
Évora	810
Funchal	2.563
Guarda	689
Lamego	1.002
Leiria	1.362
Lisboa	1.315
Portalegre	7.276
Pôrto	2.287
Vila Real	2.029
Viseu	2.029

Soma	36.184
Missas diárias na Fátima	2.056
Total	38.240

Juntam-se a estas 38.240 missas, cerca de 1.500 que devem ter sido celebradas na Diocese do Funchal (Madeira) donde não chegaram informações a tempo e ainda as muitas que já se celebraram no primeiro semestre de 1940 teremos excedido em muito o número de 40 mil.

Só para ter parte nestas missas, não vale a pena ser Cruzado?



O ECZEMA QUE NOS ENLOQUECE

Se vós tendes já feito tudo, sem poder curar este Eczema tenaz, ou estas ulçeras roedoras, segui o exemplo de milhares de antigos martires para os quais o remédio inglês D.D.D. levou a alegria e a felicidade. A fórmula do D.D.D., altamente científica, permite a este líquido fino, anti-séptico, emoliente e cicatrizante, penetrar nos poros até a raiz de todas as doenças da pele. Sob a pele o microbio é atingido e morto. Desde a primeira aplicação, o prurido desaparece e a comichão cessa. Dentro de poucos dias uma pele nova se forma: sã, lisa e branca. Auxilia o tratamento empregando diariamente na vossa toilette o celebre Sabonete Inglês D.D.D.

A venda nas farmácias sortidas.
DEPOSITOS:
PORTO: Rua Herois de Chaves, 602 — Tel. 2147
LISBOA: R. dos Sapateiros, 35, 1.º — Tel. 24286

DORES NAS COSTAS



Se já passou dos 35, não des-cuide as dôres nas costas. A dose diária de seis Kruschen actua directamente sobre os rins e auxilia estes órgãos a acabarem com as causas das referidas dôres. Se tomar Kruschen, com regularidade, todo o seu organismo beneficiará e ver-se-á livre do ácido úrico. A dose diária de Kruschen é uma medida salutar.

Frei BERNARDO DE VASCONCELOS

Passa no dia 4 de Julho o aniversário da morte de Frei Bernardo de Vasconcelos.

Nas horas angustiosas e amarguradas em que o sofrimento nos acabrunha confrangedoramente, faz bem evocar a figura luminosa do venerando monge, meditar no heroísmo com que soube amar a sua cruz, no seu profundo amor a Deus e às almas, amor ardente em que todo se consumiu.

Há pessoas que, basta contemplá-las para nos sentirmos penetrados da sua virtude irradiante, para nos sentirmos tocados e transformados pelo seu influxo. Frei Bernardo era destas almas privilegiadas que possuindo Deus como um ostensório vivo e transparente, O comunicava aos que dêle se aproximavam.

Não tive a alegria de o conhecer, embora, quem sabe, alguma vez os nossos passos inconscientemente se cruzassem nas ruas da cidade universitária... Conheci-o mais tarde através das páginas encantadoras das cartas que constituem a sua Vida de Amor e dos seus versos cheios de misticismo e beleza, e a minha alma vibrou na mesma ânsia e sede insaciável de Deus que as suas palavras nos comunicam.

Sede de Deus, amor ao sofrimento e às almas são as lições que a sua vida deixa às almas generosas e sedentas de ideal, ansiosas por encontrarem o caminho que conduz à «vida plena» à «vida viva» da união com o Senhor.

Tôda a sua vida é dominada por esta sede insaciável de infinito, sede de amor divino, o único capaz de encher o seu coração inquieto, a sua alma mística e nostálgica do Céu. Mas para atingir as alturas da perfeição cristã que o deslumbra e atrai fortemente, envereda pelo «caminho austero e iluminado» do sofrimento.

Amor ao sofrimento, teve-o até ao fim na renúncia constante de si próprio até se transformar generosamente na «hóstia em sangue» por amor. Esgotou até à última gota o cális que o Senhor lhe apresentou e fez da sua dor um cántico sublime.

Enamorado da Beleza Infinita para sempre e totalmente se lhe entregou. Mas Jesus é um Espôso sangrento e os Seus ósculos místicos deixam nas almas laivos de sangue, vibrações de dor, sangue que purifica, dor que redime e eleva.

Por isso a sua vida, na contínua ascensão para Deus, é uma constante imolação, uma constante renúncia a tudo o que agrada à natureza, a tudo até o que há de mais elevado e sobrenatural.

Renúncia ao mundo e aos prazeres legítimos que êle pôde oferecer, renúncia às alegrias da família, à consolação e conforto das afeições humanas. Cheio de mocidade e de talento, tudo deixa e tudo troca pela humildade, pelo sacrifício da vida monástica.

E, frade já, prepara-se e anseia ardentemente pela altíssima dignidade de sacerdote, de «ungido do Senhor» mas Jesus pede-Lhe ainda a renúncia dessa aspiração suprema; e Frei Bernardo amorosamente pronuncia o seu fiat estendendo-se generosamente na cruz do seu leito de doente onde lentamente o corpo se lhe consumiu até deixar que a alma de exilado ansioso de chegar à Pátria, se libertasse e fôsse entre os eleitos, matar as saudades do Céu.

Que o seu exemplo nos conforte e anime a trilhar com mais firmeza e mais generosidade o calvário da vida. Saibamos como êle, olhar mais para o alto para que, enamorados do Senhor, sedentôs do Seu amor, desprezemos tudo o que de Ele nos afasta. Moss.

A GARGANTA QUEIMADA PELO ÁCIDO DO ESTÔMAGO

Um novo tratamento que acaba com a azia

Era horrível o sofrimento desta mulher, mas acabou de uma forma feliz.

Sofreu durante muitos anos de azia. Passava as noites a passear, deitando água pela boca e sentindo horríveis queimaduras no esôfago e na garganta. Tomou pós estomacais, comprimidos e drogas várias, mas tudo foi em vão. Um dia resolveu-se a experimentar as Pastilhas Digestivas Rennie e, com grande surpresa, verificou que lhe faziam um bem imenso. Bem depressa pôde voltar a comer o que anteriormente lhe causava a maldita azia. Hoje já come de tudo, sem restrições e sente-se feliz.

As Pastilhas Digestivas Rennie, fizeram com que esta mulher acabasse com os tormentos que lhe produziam os ácidos do estômago, por que contêm *anti-ácidos* que neutralizam a acidez; *absorventes* que reduzem os gases do estômago e, *fermentos* que auxiliam a digestão. As Pastilhas Rennie dissolvem-se na boca. Os seus componentes entram em acção imediatamente, pois chegam ao estômago sem perdas de actividade, pela sua diluição na água.

Duas Pastilhas Rennie acabam com as dores de estômago em 5 minutos. Vendem-se em tôdas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100.

Este número foi visado pela Censura

VOZ DA FATIMA

DESPESA

Transporte...	2.202.501\$67
Franquias emb. transportes do n.º 213 ...	5.084\$61
Papel, comp. e imp. do n.º 213 (345.790 ex.)	23.503\$46
Na Administração...	278\$60

Total ... 2.231.368\$34

Donativos desde 15\$00

Narciso André — Espinho, 20\$00; Mariana Gomes — Quatro Ribeiras, 20\$00; Rita dos Inocentes — Bragança, 50\$00; Devota, de Angra, 20\$00; José Freitas Lima — Mascoteles, 40\$00; Manuel Brites — V. F. das Neves, 42\$00; dr. António Vilas Boas — Évora, 20\$00; Perpétua Barradas — Lisboa, 20\$00; António Baptista — Outeiro da Cabeça, 20\$00; Purificação Carneiro — Castelo Branco, 15\$00; Ermelinda Luz — América, 1 dólar; Maria Brann — América, 1 dólar; Manuel Costa — América, 1 dólar; Maria M. Rodrigues — Estarreja, 20\$00; P.ª João Miranda — Pernambuco 1.200\$00; Joaquim Moreira — Cruz de Lever, 15\$00; Isabel do Rosário Neves — Madeira, 100\$00; Piedade Telhada — Santarém, 20\$00; Beatriz Rodrigues — Olho Marinho, 20\$00; Mariana Gamito — Lisboa, 20\$00; Francisca Manso — Pardelhas, 20\$00; Emília Amorim — Vale de Pereiros, 20\$00; Júlia Noia — Açores, 20\$00; José Martins — América, 1 dólar; Dr. João Martins — Guimarães, 100\$00; Adelaide Canada — Rio Maior, 20\$00; Abel G. de Freitas — Santos — Brasil, 200\$00; João Subtil — Barrio, 20\$00; Ester Borges — Nelas, 20\$00.

Para a entronização de N.º S.ª da Fátima nos lares

Só há uma edição de estampas que agradem e sirvam para encaixilhar: é a feita pelo Santuário da Fátima.

Há-as grandes a ... 5\$00 e médias a ... 2\$50 em óptima cartolina.

Pedidos ao Santuário da Fátima ou à Gráfica — Leiria

Pagelas com o formulário da consagração

cento ... 10\$00

A venda na Gráfica — Leiria

FABRICA TRIUNFO J. JOAÃO DA MADEIRA

A venda nas seguintes casas:
Lisboa — Camisaria Moderna — Eosio, 110; Camisaria Confiança — Rua Augusta, 284; J. Nunes Corrêa & C.ª, Lda — Rua Augusta, 250; Chapelaria Confiança — E. da Misericórdia, 145; Grandes Armazéns do Chiado; Grande — Rua do Carmo-Rua do Ouro; Carnaval de Veneza — Rua Aurea, 167; Graciano & Nobre, Lda — Rua de ... Ram, 63/67; Cruz & Cruz, Lda — Praça do Brasil, 12/12-O e no Fátima e nas principais localidades do País.

GRAÇAS DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA O CRUZEIRO DA DOR

NO CONTINENTE

Vinda de Lisboa, chegou à Redacção da «Voz da Fátima» uma carta com os dizeres seguintes: — «**Jaime Joaquim Augusto Pires Martins e Aurora da Conceição Ribeiro Martins**, moradores na R. Silva Carvalho, 285 r/c — Lisboa, pedem que seja aqui manifestado o seu reconhecimento a N.ª Senhora da Fátima, pela graça obtida pela cura de uma grave doença que o primeiro signatário teve no pulmão direito, princípio de tuberculose, pois foi visto por 2 médicos, e ambos confirmaram o tratamento a fazer: — proibição de trabalhar, sair para o campo ou sanatório. Um dos médicos disse que não se responsabilizava pelo doente se não fizesse tal tratamento. Apesar de tudo, o doente recuperou a saúde mediante o terço de Nossa Senhora e das Santas Chagas, e pela água do Santuário da Fátima que applicava por meio de puchos nas costas e no peito durante 2 novenas. Já devíamos ter cumprido esta promessa que foi feita em 1935. Só hoje o vimos fazer, pelo que pedimos perdão a N.ª S.ª da Fátima».

(a) Jaime Joaquim Augusto Pires Martins
(a) Aurora C. R. Martins

João Barbosa da Silva — Hospital de S.º António — Porto, diz: — «Tendo uma úlcera varicosa com a qual estive no Hospital de S.º António em 1916, saí ainda por acabar de curar para ir para a França e Inglaterra onde estive 2 anos sem curativos. Regressei no fim da guerra em 1918 com a ferida muito agravada. Há 3 anos apanhei uma bronquite com muita tosse que não me deixava sossegar um momento. Cheguei a desejar a morte, Deus me perdoe».

Em Janeiro desse ano entrei neste Hospital, não podendo dar passo e cheio de dores. Tinha noites de não sossegar uma hora sequer, e isto durante 11 meses. Diziam-me que não tinha mais cura, de maneira que saí e andei 15 dias fora do Hospital. A ferida agravou-se ainda mais chegando a abranger toda a perna do joelho para baixo com grandes dores e incómodos.

Começou-se então um tratamento durante o qual me recomendei numa maneira especial a Nossa Senhora da Fátima pedindo a minha saúde. Graças a Ela, já estou quasi curado e tenho fé que dentro em pouco hei-de sair completamente são.

Também pedi a N.ª Senhora que me socorresse para eu e minha mulher não passarmos fome, e Nossa Senhora tocou o coração de algumas pessoas de bem que me socorram suficientemente.

Tudo isto eu devo a N.ª Senhora a quem rezo todas as noites, e ao domingo faço a minha oração junto à sua Imagem, pedindo também por todos os bemfeitores para que Deus lhes dê o céu como prémio.

(a) João Barbosa da Silva

GRAÇAS DIVERSAS

D. Lúcia de Moura — Valado, agradece a N.ª Senhora da Fátima uma graça particular que do céu alcançou por seu valimento, e que prometeu publicar na «Voz da Fátima».

Teresa de Jesus — Fátima, pede a publicação de uma graça particular que recebeu por sua maternal intercessão junto de Deus.

João de Azevedo Ribeiro — Porto, tendo obtido por intermédio de N.ª S.ª da Fátima as melhoras de sua mãe que esteve, diz, gravemente doente, receando-se já a sua morte, vem pedir que na «Voz da Fátima», se torne pública esta graça concedida à sua doente.

D. Paulina Vega de Moura — Murcia, agradece a N.ª Senhora da Fátima a cura da arterio-esclerose, desparecendo-lhe as tonturas de cabeça e as vertigens. Como prometeu, vem publicar a graça da sua cura.

Flora de Lemos — Guimarães, obtve a cura de seu filho por intermédio de N.ª S.ª da Fátima, depois de ter estado internado dois anos numa casa de saúde em Barcelos e consultado diferentes médicos, sem resultado.

D. Victória César de Matos — Porto, deseja manifestar o seu agradecimento pela cura de uma religião que vive no Rio de Janeiro, e que sofreu duma grave doença durante muitos anos.

António José Pires — Ponte da Barca, diz ter tido um seu filho gravemente doente com uma pleurisia. Esteve internado no Hospital de Braga para aí receber os necessários tratamentos. Apesar de tudo, os médicos diziam que se lhe viesse a tosse não duraria muitas horas. Recorreu-se então a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe a cura do pobre doente. O valor de tal petição não se fez esperar. Pouco depois começava a melhorar sentindo-se já completamente curado do seu antigo sofrimento.

D. Maria da Nazaré dos Santos — Figueira da Foz, diz: — «Tendo cegado por completo uma minha netinha de 12 anos, consultou-se o, especialista que declarou ser necessário submeter a criança a um tratamento rigoroso durante 6 meses, e que só passado esse tempo poderia começar a ver alguma coisa. Angustiada mas cheia de confiança, prometi ao Santíssimo Sacramento uma novena de Comunhões e Visitas com minha netinha no Santuário da Fátima, e publicar a cura se lhe fosse concedida em menos tempo do que o médico dizia ser necessário.

Efectivamente, após alguns tratamentos, a criança começou a sentir-se melhor, e dentro em breve já via perfectamente bem causando admiração e espanto ao especialista que diagnosticou o mal profundamente grata por tão grande graça, aqui fica a declaração do meu agradecimento a Jesus e à Virgem Nossa Senhora da Fátima».

D. Júlia Bertão Fonseca — Vila Verde — Figueira da Foz, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça muito importante que por sua intercessão alcançou com a promessa de a publicar na «Voz da Fátima».

José Gabriel de Oliveira — Castelo de Paiva, agradece a N.ª Senhora o bom resultado duma operação a que fôra submetido no Hospital de Santo António, da cidade do Porto.

NOS AÇORES

D. Maria José da Silva — Horta — Açores, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima o ter-lhe alcançado a saúde sem ser submetida a uma operação que os médicos tinham como necessária.

Obteve esta graça mediante uma novena que fizera para obter tal graça.

D. Mariana Darte de Castro Parreira — Terceira — Açores, pede a publicação das seguintes graças na «Voz da Fátima»: — O estacionamento de uma catarata e mais três graças particulares concedidas por Nossa Senhora da Fátima em momentos de séria aflicção em que se viu.

D. Conceição Silvina Narcisa — Terceira — Açores, deseja agradecer aqui a Nossa Senhora da Fátima o favor de duas graças que obteve por sua intercessão.

D. Maria da Conceição Raposo Machado — P. Delgada — Açores, diz: — «Venho por este meio agradecer a Nossa Senhora da Fátima as muitas graças que me tem concedido, e em especial as melhoras de uma pessoa de família».

NO BRASIL

D. Silvana de Matos Ibiapina — Mecejana — Ceará, publica uma gra-

ça que obteve por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

D. Inês Coelho Nobre — Fortaleza — Ceará, agradece a Nossa Senhora da Fátima diversas graças alcançadas por sua intercessão.

D. Francisquinha Almeida — União — Ceará, achando-se gravemente doente, e bem assim uma sua filha, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, prometendo publicar as curas, se as alcançasse. Hoje, que juntamente com sua filha se sente curada, vem cumprir a promessa fazendo esta publicação na «Voz da Fátima».

D. Fausta Fr.ª — Fortaleza — Ceará, diz o seguinte: — «Tendo minha filha sofrido durante 2 anos dum abcesso na boca, consultei 3 médicos, que julgavam necessária uma operação. Cheia de fé em Nossa Senhora da Fátima, recorri a Ela juntamente com minha filha. Durante 3 meses seguidos fizemos oração e recebemos a Sagrada Comunhão. Depois da 2.ª novena o abcesso aumentou, mas nem por isso diminuiu a nossa confiança. Hoje vejo minha filha curada do mal que a afligiu, e por isso venho agradecer a Nossa Senhora a concessão de tal favor».

D. Isaura Barbosa — Fortaleza — Ceará, agradece a Nossa Senhora da Fátima duas graças que alcançou por sua intercessão junto de Deus.

D. Carlota Mascarenhas — Fortaleza — Ceará, muito reconhecida para com Nossa Senhora da Fátima, vem agradecer uma graça importante alcançada por sua intercessão.

D. Luizinha Caldas — Mossoró — Rio Grande do Norte, tendo recebido uma graça por intermédio de Nossa Senhora da Fátima, deseja agradecer-l-a.



Maria Augusta da Silva, de Estarreja, muda, que se sentiu curada durante a procissão, começando desde logo a cantar com o povo o «Ave».

Aos Rev. Párocos e aos Srs. Chefes de Trezena dos Cruzados de Fátima

Remetida pelo rev. P.º José Galamba de Oliveira receberam todos os Chefes de Trezena dos Cruzados de Fátima uma circular acêrea da propaganda da entronização de Nossa Senhora da Fátima nos lares e consagração das famílias portuguesas a Nossa Senhora.

Dão-se as maiores facilidades para a aquisição das lindíssimas estampas editadas de propósito pelo Santuário. Quem não respondeu, responda já.

Os que não receberam a circular escrevam a pedi-la a P.º José Galamba de Oliveira — Leiria.

O rev. Assistente da Pia União do Apostolado dos Doentes na carta de junho dirigida aos seus associados diz assim:

«**Meu Doentinho: Venho hoje vivamente apelar para o teu coração e para a tua inteligência, para o teu patriotismo e para a tua fé. Sobre tudo, apelo para o teu sofrimento: Na Fátima, naquela charneca tão árida, transformada pela presença de Nossa Senhora, em florido, reconfortante, bendito oásis celeste, vai ser levantado também um cruzeiro comemorativo dos centenários gloriosos. Será, como foi dito num jornal católico, acertadamente, o cruzeiro espiritual da reparação pelas ofensas que, no decorrer de oito séculos, se fizeram em Portugal, Aquela que nos**

deu as suas Chagas como padrão e selo das nossas glórias.

Vai ser o Cruzeiro dos Doentes, construído em pedra igual à do Santuário de Nossa Senhora da Fátima, — Saúde dos enfermos e Consoladora dos aflitos.»

Começam a chegar as primeiras adesões e as primeiras esmolas. Que se pede? 1) Os sofrimentos desta quadra oferecidos a Deus em união com os sofrimentos do Verbo Divino Incarnado, como reparação pelas ofensas feitas em Portugal nestes 8 séculos de vida; 2) Uma esmola para o Cruzeiro da Dor.

Nenhum doente faltet
Escrever a P.º António dos Reis, Santuário da Fátima.

Pelo Santuário da Fátima

Além das peregrinações no dia 13 de Junho, houve muitas noutras dias como a de algumas professoras e alunas do liceu feminino de Lisboa, Maria Amália Vaz de Carvalho, presididas pela sua dedicada Reitora Dr.ª Maria Guardiola.

A das alunas do Colégio da Régua com a sua desvelada directora D. M. Retto;

A do Curso do S. Coração de Jesus de Lisboa;

A das filhas de Maria da Ordem Terceira de S. Francisco, etc..

Peregrinação da Obra dos Sacrários Calvários à Fátima nos dias 12 e 13 de Julho

Presidida pelo Ex.º e Rev.º Senhor Bispo de Viseu, a Obra dos Sacrários Calvários promove

uma peregrinação de propagação, penitência e reparação pelo abandono em que em muitas terras estão os sacrários onde repousa preso de amor por nós Jesus Sacramentado.

O programa desta peregrinação é o seguinte:

Dia 12:

As 16 h., reunião dos directores diocesanos e locais;

As 18 h. sessão solene no salão da casa dos retiros;

Da meia-noite às 2 h., adoração prolongada até às 6 da manhã pelos diversos centros diocesanos que tomarão cada um uma hora.

Dia 13:

As 9 h., missa solene com pregação.

As 11 h., reunião dos presidentes e delegados diocesanos.

O culto de N.ª S.ª da Fátima

Em Timor — Sob o título de «O Milagre de Fatu-Bessi» o rev. Francisco Madeira da Missão Hátolia descreve no Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau a inauguração da Capela de N.ª Senhora da Fátima em Fatu-Bessi.

A construção e aformoseamento dessa capela devem-se ao sr. Rocha Carvalho digno administrador da Sociedade Agrícola «Pátria e Trabalho L.ª».

Não só os Europeus como os Indígenas que assistiram à bênção da Capela e às outras funções seguiram com todo o entusiasmo as solenidades religiosas, sendo baptizados 65 catecúmenos, realizados 13 casamentos, recebendo a Sagrada Comunhão para cima de 200 cristãos.

TIRAGEM DA Voz da Fátima

no mês de Junho	
Algarve	5.331
Angra	20.098
Aveiro	6.848
Beja	3.548
Braga	82.722
Bragança	12.118
Coimbra	13.614
Évora	5.130
Funchal	16.147
Guarda	20.821
Lamego	11.805
Leiria	14.515
Lisboa	12.100
Portalegre	11.024
Porto	52.891
Vila Real	25.438
Viseu	9.684
Total	323.834
Estrangeiro	3.578
Diversos	18.378
Total	345.790

Uma novidade

e boa é a da publicação da 5.ª edição do Manual do Peregrino da Fátima que vem notavelmente melhorado em apresentação gráfica e em conteúdo.

Os Revs. Assistentes da Acção Católica, os Dirigentes e os simples membros encontram ali reunidos todos os hinos da Acção Católica Portuguesa.

Tudo isto apenas por 4\$00! (sem correio).

Pedidos ao Santuário da Fátima ou à Gráfica — Leiria.

UMA FORMOSA IDEIA

Várias pessoas curadas num impulso de gratidão para com N.ª Senhora aplaudiram com todo o entusiasmo a ideia da formação de uma associação anexa à Pia União dos Servitas de N.ª Senhora da Fátima. Continuamos à espera de mais respostas, devendo ser dirigidas para P.º António dos Reis, Santuário da Fátima.

Palavras mansas A PÁTRIA EM FESTA

No dia próprio, Portugal concentrou-se em Guimarães. Os que não foram, mandaram lá, pelo menos, alguma coisa da sua fé, da sua veneração e do seu orgulho patriótico. Peregrinação e romaria, em que os mortos apontavam aos vivos o caminho guarnecido de flâmulas e todo juncado de rosas...

Gente de todos os recantos do país, mas sobretudo do Norte, onde a data da Fundação tem naturalmente mais brilho e mais relêvo. Era pouco conhecer Guimarães somente pela corografia e pela história. Fazia-se também mister ver e sentir Guimarães, ter a véha e nobre cidade por algumas horas dentro dos olhos e dentro do coração... A arte de amar a pátria, de que nos falou Maurrass, tem normas a que é preciso obedecer fielmente.

Compreende-se bem que Guimarães tenha sido o berço da nacionalidade. Tem uma situação discreta e recatada. Da bela e graciosa moldura, acentuadamente minhoto, nem se fala...

Em torno da veiga extensa e singularmente fecunda, a mais ou menos distância, serras e seixos como que erguidas expressamente para se oporem a todas as invasões. Não tem largos horizontes; tem pão, forjas, armas e defesas. Há oito centos anos! A inspirada e rude canção dum berço...

Na luz enublada da manhã, o castelo de Guimarães, como que erguido, a nascente, sobre montões de flores, tem um aspecto severo. Lembra um cavaleiro, que, sem despir a armadura, contasse à dama dos seus amores a sua aventura heróica...

Ao sol ardente da tarde, parece dourado por todos os fulgores da sua glória antiga. É um orgulho supremo...

Iluminado por projectores, à noite, é uma visão cambiante e maravilhosa de evocação, sonho e lenda...

Lá no alto uma insignia bemdita, que sintetiza e recorda a guerra santa... Na torre de menagem, a espaços, toques de clarins, que prolongam a voz de Afonso Henriques, voz de prece e de comando... Entre as ameias, homens de armas, sempre prontos a engrossarem, se tanto se faz mister, a hoste da independência... Cá em baixo, entre montões de flores, grandes blocos de granito, que foram algum dia alicerces da nação...

Mas a alma do castelo está sobretudo no órgão, que ninguém vê, para haver também mistério naquela música grave, inspirativa e distante, em que se fundem notas de salmos e trovões...

A missa campal é celebrada num altar encostado a um pano da muralha. Serve de retábulo o tríptico de prata, que perdeu em Aljubarrota D. João II de Castela. À frente da multidão fervorosa e recolhida, os grandes de Portugal.

Sente-se que o erguer das espécies consagradas é também o erguer das almas para o amor de Deus e para o amor da Pátria sempre bela e sempre moça. De todas as penas cominadas no tempo de Afonso Henriques a maior era a separação do corpo e do sangue de Cristo...

Finda a missa, o general Carmoana e o Presidente do Conselho sobem à torre de menagem. O discurso de Salazar é um resumo sentido e luminoso da história e da vocação de Portugal. No lusitanismo impecável,

A "SULTANA"

Pai... não pique assim os boizinhos...

Mas o homem teve ainda um gesto mais violento e a Mariazita fechava os olhos e tapava os ouvidos mas não tão depressa que não ouvisse uma praga e não visse um fio de sangue a escorrer do agulhão sobre a espádua do animal que passava junto dela.

Descarregado o carro e recolhidos os bois sob o telheiro, logo atacavam e se punham a remoer pachorrentos a palha esverdeada dalguns corutos de milho enquanto voltiam para a pequenita na sua frente os olhos onde o instinto punha lampejos que a impressionavam.

— Coitado do meu «Castanholo»... Pobre... pobre do meu «Malhado», dizia ela afugando-os. Que mal vos fazem, a vós que só fazeis o bem!... Este mundo é assim... Tende paciência...

E detinha-se com a fronte contraída, talvez com pesar de que os pobres bichos não tivessem também uma compensação depois da morte... Pronto, porém, sacudia o importuno pensamento, ela que já começara a estudar a Doutrina e que bem sabia que só as pessoas tinham alma...

Um ganir aflitivo pô-la em dois pulos no meio do pátio. Ah!... desta vez fôra a mãe que atirara uma cavaca à cadela naturalmente porque, com frio e fome, se acercara demasiado da lareira.

— Anda cá... «Sultana»... Toma!

Mariazita tirou do bolso do avental um bocado de merendeira recheada de torresmo e deu-o à cadela que o engoliu num abrir e fechar de olhos.

— Logo dou-te mais, segredou-lhe acariciando-a. Guarda bem a nossa casa, sim?... os nossos bois, as cabras, a burriinha, a criação... Não deixes cá

a alocação rima com as pedras do castelo de Guimarães. Palavras de gratidão, atiradas como flores, sobre os heróis e os santos do passado; palavras de esperança a desanuviarem o futuro, que há-de continuar, pela mão de Deus, a história da nossa terra. Fé, calma, orgulho patriótico, confiança nos destinos do país... A cruz volta a abraçar Portugal.

Nunca houve entre nós tribuna mais alta, mais honrosa e mais merecida.

Se Afonso Henriques pudesse voltar, redivivo, a Guimarães, falaria assim, para dar um novo foral a toda a terra portuguesa...

Do lugar em que estou, no declive do morro do castelo, vejo entre duas ameias o gesto de Salazar — gesto nítido, equilibrado, elegante, em que se integra aquela mão forte e suave que governa e encaminha este país...

— Guimarães! guarda o teu berço, zela a tua tradição, continua de guarda ao teu castelo! Quem esteve contigo na festa do centenário sentiu-se, até ao fundo da alma, mais cristão e português.

Correia Pinto

vi, nem o lobo, nem a raposa, nem os gatinhos...

E, pensando na ingratidão dos homens para com o Criador e os animais que Ele pusera ao seu serviço, entrou em casa e correu para o irmãozito, que batia as palmas de contente ao vê-la, para deixar transbordar sobre ele os extremos do seu delicado coraçãozinho.

— Mãe... o menino... desapareceu!

O aspecto de Mariazita, lívida, com os olhos esbugalhados, a voz surda e trémula, não deixaram nem por um instante a esperança à mãe de que se tratasse de uma brincadeira ou de um receio infundado. Largou os ramos secos que acabava de levantar do solo atapetado de caruma e precipitou-se para o lugar, mais baixo e mais abrigado, onde o pequenino ficara sob a vigilância da irmã. Um monte de pinhas com que ambos tinham estado a brincar, a saqueta da merenda e mais nada!

— Não pode ser... não pode ser... balbuciava a pobre mulher, alongando a vista em volta de si pela yasta clareira do pinhal que o sol ainda iluminava de lado a lado. Era certo que ela chamara a filha para ajudar a passar a corda num feixe de lenha, mas fôra a bem dizer um momento e o pequenino mal andava... teria tropeçado na primeira pedra ou raiz que encontrasse.

— É que ele já aqui não estava quando eu te chamei...

— Estava, sim, mãezinha... temava a pequena lacrimosa.

Quando voltei e assim que cheguei ali — e apontava para o cimo da pequena rampa que ambas tinham descido — é que dei pela falta dele...

— Não é possível... não é possível, soluçava a mãe, querendo ainda agarrar-se nem sabia a que esperança. E, depois de bater o mato todo em redor da clareira, gritando pelo filho, parou alucinada junto da ribeira que, em certo ponto, corria à distância duma dezena de metros apenas.

— Se ele tinha conseguido chegar ali e tinha caído...

— Mãezinha, suplicou Mariazita, puxando-a. Vamos... para casa... dizer ao pai... Ele há-de encontrar o nosso menino...

Alvorçado o povo da aldeia, comunicado e estranho caso para a vila e ordenadas pesquisas pelas autoridades, a Mariazita, ao cair da noite, encontrava-se sôzinha em casa debulhada em lágrimas junto do berço vazio do irmãozinho.

Mas eis que ouve lá fora o telintar dos chocinhos da cabrada que recolhe e a «Sultana» entra pulando e atirando-se à sua amiguinha a lambê-la e a festejá-la.

— Ai, minha «Sultana», suspira a pequenita, que grande desgraça! Se tu lá tivesses estado, o menino não teria desaparecido...

E como a cadela, agora, farejasse o berço, inquietou:

— Não está cá! O menino... vai procurá-lo! disse com energia. Busca! Busca!...

E a boa «Sultana» arrebitou as orelhas e partiu a correr porta fora.

Passaram três dias: a criança não aparecera, nem viva nem morta e ninguém mais vira também a «Sultana». Era opinião geral que o pequenito fôra andando ou engatinhando até à ribeira onde se precipitara e que a irmã, entretida com a brincadeira, não dera conta de que ele se afastava.

Mariazita já nada objectava. Para quê, se não a acreditavam? E a «Sultana», que seria feito dela?

Se bem que nos meos pequeninos os acontecimentos tenham maior duração, todos tinham voltado às suas ocupações e ao quarto dia quasi se não falava já da criança desaparecida.

Demais a aldeia despertava ao som duma nova que enchia todos de terror: o «Chico do Boneco», um mendigo apatetado que andava sempre com um boneco de trapo nos braços, a que chamava filho, fôra visto com um ombro todo ensangüentado e, trazido à presença do regedor, observado e reconhecidas as mordeduras como sendo de cão. E era voz corrente que o cão estaria danado e era preciso encontrá-lo, matá-lo, cortar-lhe a cabeça e mandá-la para análise.

As crianças recolhiam-se em casa amedrontadas, as mulheres barafustavam e os homens saíam armados, se não já de espingarda ao menos de chuços, ou forcados.

Detido o mendigo para seguir pelo primeiro coboiço com o fim de ser submetido ao tratamento que se impunha, largou-se num choro cortado duma série de lamentações que faziam coalhar o povo, já esquecido do perigo da raiva, em volta da regedoria.

— O meu filho... o meu filho! clamava ele.

— Vá-se-lhe buscar o boneco! alvitrou alguém condoido.

E um magote, agora, olho cá, olho lá, não viesse por ali o cão danado, saiu da aldeia em direcção a uma matazita de eucaliptos, à beira do pinhal, onde o «Chico do Boneco» vivia.

Lá estava o casebre arruinado no qual o desgraçado se abrigara quando para ali viera — só Deus sabia de onde mas... coisa de pasmar! no interior não havia certamente só farrapos e o boneco, porque dêle saía um choro fraco de criança...

E enquanto um mais afoito entrava e erguia dum monte de fetos sécos o irmão da Mariazita, esfomeado mas são e salvo, e os outros assomavam à porta embasbacados, ouvia-se um grito provocado por não menos inesperada descoberta: ao lado

FALA UM MÉDICO

XLIX

Outro papá

A base fundamental da Nação, os alicerces em que ela assenta, é a Família. Da solidez da instituição familiar depende, sem dúbida, a firmeza e a duração dos Estados.

Um país, cujo povo não esteja organizado em famílias bem constituídas, respeitadas umas pelas outras e com relações perfeitamente harmónicas entre si, um país assim é uma localização geográfica, mas nunca poderá considerar-se uma verdadeira nação.

Entre as leis da Igreja Católica, nenhuma é mais sábia do que aquella que santificou a união dos sexos, considerando-a um sacramento, tornando-a perfeitamente indissolúvel e abençoando os lares.

Foi a família cristã, cheia de virtudes, quem realizou a história de Portugal, a mais bela história de quantas nações teve o mundo.

Passamos há trinta anos por uma crise temerosa. A revolução que se despenhou sobre nós visava mais directamente a doce religião de Jesus do que o próprio trono de D. Afonso Henriques.

Derruido este, os revolucionários decretaram imediatamente a separação da Igreja do Estado, proclamando essa providência a lei fundamental da República.

Com a sua promulgação, disse um estadista da época, a religião católica desapareceria de Portugal dentro de três gerações — a religião que nos libertou dos Mouros, que nos levou à conquista do Império da Índia, à fundação do Império do Brasil.

Conheci um político, do tempo do chamado regime democrático, pessoa notoriamente pouco inteligente, que, apesar disso, veio a ocupar lugares proeminentes. Era ateu, e essa qualidade muito o recomendava à protecção dos governantes. Em casa, em colloquios com sua filha, ensinava-lhe que não havia Deus e ela confirmava calorosamente essa doutrina.

Um dia, ela casou, e tem uns filhinhos.

Estava uma vez a menina a brincar no jardim e uma senhora amiga perguntou-lhe: «a mamã está em casa?»

E a netinha do célebre político democrático, continuando nos seus brincuecos, assim respondeu, cantando:

«A mamã...
foi à rua...
arranjar...
outro papá...»

Trinta anos depois de promulgação, a lei fundamental da República esboroa-se e não mais é permitida a abominação do divórcio.

Graças a Deus!

P. L.

da choupana, semi-oculto por umas moitas, o cadáver já entrado em decomposição da pobre «Sultana» que, sem dúbida, tinha arremetido contra o roubador do pequenino e fôra prostrada por uma pancada certa na cabeça...

Ah! Quem dera ver em certos pais uma dedicação destas pelos próprios filhos!

M. de F.

A Entronização de N.ª S.ª nas Famílias

Têm chovido os pedidos de imagens de N.ª Senhora para a cerimónia da entronização da Virgem Santíssima nos lares portugueses. Nossa Senhora é a Rainha do céu onde tem um trono junto ao da S.S. Trindade, e na nossa boa terra portuguesa em todas as catedrais, igrejas e capelas um altar junto ao sacrário do seu Divino Filho.

Viveu com Jesus e S. José na sua pequenina casa de Nazaré ouvindo as palavras do Divino Verbo, assistindo aos exemplos de profunda humildade e amor do seu esposo, S. José.

Queremos, pois, que ela seja a Rainha das famílias portuguesas. Neste ano das comemorações centenárias lembramos mais uma vez às famílias a Sua entronização para as guardar dos males que assolam o mundo e como preito de acção de graças por tantos benefícios que nos tem concedido. O dia 15 de Agosto deve ser o grande dia da consagração das famílias a Nossa Senhora. Para isso trabalhemos já com o maior zelo.

(Pedir estampas e pagelas com a fórmula ao Santuário da Fátima ou à Gráfica — Leiria.)